

Educação básica

O ministro Murílio Hingel, da Educação — cuja atuação é uma das mais destacadas do ministério de Itamar Franco, ao lado de Antônio Britto, da Previdência Social —, anunciou que uma das principais metas do governo brasileiro deve ser a da elevação das taxas de conclusão do primeiro grau, que hoje são de 22%, para 80% dentro de dez anos. É uma meta, sem dúvida, ambiciosa, mas que pode ser atingida, desde que, é claro, o sucessor de Hingel no ministério prosiga valorizando o ensino primário como o atual titular. Em pronunciamento em cadeia de rádio e televisão, o ministro Hingel anunciou, no Dia da Criança, uma série de avanços que conseguiu registrar em sua administração, destacando-se o aumento — apenas com a tramitação mais rápida do dinheiro do ministério pelos bancos — de 20% na receita destinada à educação em 1993.

O Brasil não dá à Educação o lugar de destaque que ela deveria receber na vida nacional. Embora nossos administradores saibam que os países mais ricos e desenvolvidos do mundo só desfrutem de posição de relevo em função de sistemas educacionais sólidos, jamais se interessaram em pôr em prática uma política conseqüente entre nós. O interesse político fica, na maior parte das vezes, na epidérmica inauguração de prédios, alguns faustosos, que não serão recheados de alunos e de professores.

O ministro Murílio Hingel está incluído na cota que o PMDB detém no ministério, mas há um consenso entre os políticos de que ele ali foi colocado basicamente por sua estreita ligação com o atual Presidente da República, de quem foi secretário de Educa-

ção, em Juiz de Fora, quando Itamar Franco esteve à frente da prefeitura daquela cidade. Murílio Hingel seria, no entender do Presidente, um técnico numa pasta que exige um técnico. Entretanto, os políticos — deputados, senadores e prefeitos — dizem-se surpresos pelo fato de terem seus pleitos prontamente atendidos pelo ministro, que os recebe a todos, indistintamente, ao contrário dos ministros chamados políticos, que às vezes impõem pesados chá de cadeiras a seus pares de Parlamento.

A verdade é que a emperradíssima máquina da Educação, quase tão gigantesca e inoperante quanto à da Previdência Social, está funcionando a pleno vapor. Se na Economia o governo Itamar Franco não consegue o sucesso que deseja na luta contra a inflação, tem a seu favor, no entanto, o fato de ter recuperado dois dos mais importantes ministérios. No caso da Educação, Murílio Hingel, sem se descuidar com a educação superior, passou a se empenhar mais no ensino primário. Este é o grande problema do Brasil hoje, dizem os estudiosos da questão: gasta-se um dinheiro excessivo no ensino universitário quando não se tem uma educação básica que atenda a todos. Isso leva ao que se sabe — o governo torra muito dinheiro para dar, de graça, nas universidades federais, educação aos filhos das elites endinheiradas. Esta mudança de enfoque foi uma grande contribuição da gestão Hingel. O que se espera é que as conquistas que vêm sendo obtidas agora não sejam destruídas pelos seus sucessores, já que a quebra de continuidade administrativa é uma das maiores pragas da administração brasileira.